



Crise económica de 2008

Causas / Expansão / Medidas tomadas

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: JORNALISMO, ASSESSORIA, MULTIMÉDIA

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

PROF. CLEMENTINA SANTOS

2010/2011

Fábio Silva; Rute Cecílio

Turma 2

Índice

Causas próximas da crise.....	3
A importância do mercado <i>subprime</i> na eclosão da crise e na sua repercussão à maioria das economias mundiais.	6
A solução para a crise.....	10
Glossário	12

Causas próximas da crise

O nosso mundo enfrenta uma grave crise económica. Todos os dias esta palavra chega até nós. Ouvimos falar de despedimentos, falências, grandes dívidas. No entanto, será que todos saberão porque é que a sociedade capitalista se encontra neste fosso que teima em não a deixar recuperar?

Esta grande crise teve a sua origem na sede do mundo Ocidental, os Estados Unidos da América. Ainda assim, dizer isto não basta. Temos de dar justificações que levaram milhares de economistas a acusar a economia americana de ter contribuído para a recessão que se faz sentir.

George Soros, CEO da *Soros Fund Management*, “a crise actual foi precipitada por uma "bolha" no mercado de residências e, em certos aspectos, é muito semelhante às crises que ocorreram desde a Segunda Guerra Mundial”. Contudo, não deixa de notar que “considera a crise actual como o clímax de uma super-expansão que ocorreu nos últimos 60 anos”.

Segundo alguns economistas, a origem dos problemas actuais remonta à *dot-com bubble*, quando o índice NASDAQ, ligado a empresas de electrónica, caiu. Aí o Fed (*Federal Reserve System*), banco central dos EUA, passou a reduzir as suas taxas de juro a fim de facilitar empréstimos e financiamentos, a fim de incentivar consumidores e empresas a voltarem a investir. Ora, esta medida funcionou; os consumidores voltaram a comprar.

A fase que se segue é de extrema importância para a condução até à crise actual. Com o aumento do poder de compra da população, a aquisição de imóveis tornou-se uma constante, o que fará os seus preços subir. Isto veio a tornar o mercado imobiliário em algo altamente rentável, o que leva a um grande investimento neste.

Juntamente com isto cresce a procura de hipotecas, isto é, os americanos pedem empréstimos bancários dando, como garantia de pagamento, as suas próprias casas. Como o preço das mesmas estava cada vez mais alto, empresas intermediárias começam a facilitar a atribuição de empréstimos, inclusive a pessoas de alto risco, cuja

possibilidade de pagamento posterior não é dada como certa (aqui entram as chamadas agências de *rating*).

Os problemas começam quando o Fed precisou de aumentar as taxas de juro, o que levou o consumo a diminuir. Isto vem trazer problemas ao mercado imobiliário, que vê as suas vendas diminuírem e, conseqüentemente, os seus preços baixarem, logo aqueles títulos hipotecários vão perdendo valor. Começa a crise do *subprime*. Surge uma inadimplência (falta de cumprimento de contratos) devido a um crescimento menor da economia e a um maior desemprego e custo de vida, o que leva as pessoas a não conseguirem pagar as hipotecas.

O capital bancário começa a diminuir. Há uma “crise de confiança” entre as instituições bancárias que dificultam a concessão de empréstimos entre si, já que não sabiam se o banco a quem emprestavam poderia ou não saldar a sua dívida posteriormente. Para dificultar ainda mais a situação, algumas instituições não tinham capital suficiente, quer para pagar o que deviam, quer para os clientes que lá tinham os seus depósitos mas podiam não conseguir levantá-los.

Os bancos centrais entram em acção, injectando capital nos mais pequenos para garantir dinheiro nos seus cofres. Se isto não resolvesse a situação, o destino seria a falência ou a compra do banco e conseqüente injeção de verbas.

Por fim, há ainda outro problema. Caso as pessoas perdessem o seu dinheiro, perderiam a sua capacidade de compra. Assim há menos consumo, que leva à queda dos preços e à impossibilidade de saldar os custos de produção. O desemprego é uma certeza, aumenta de forma contínua, impedindo estas pessoas de investir e saldar as suas dívidas às instituições bancárias. É um ciclo vicioso, há ameaça de recessão.

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_econ%C3%B4mica_de_2008-2009
- <http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html>
- http://en.wikipedia.org/wiki/Financial_crisis_of_2007%E2%80%932010

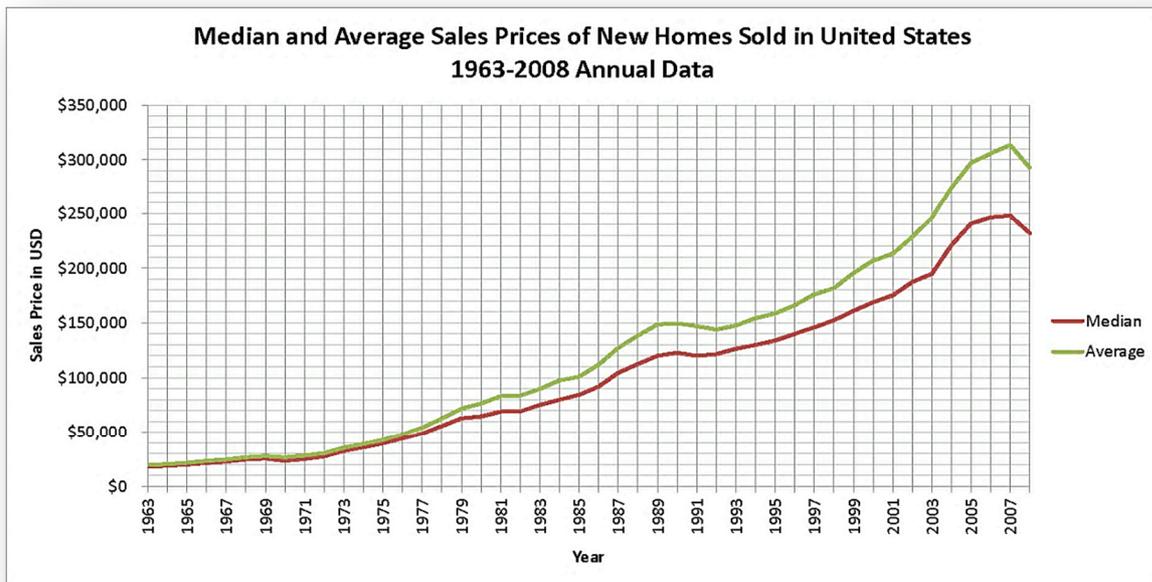


Gráfico 1 Preços médios das casas vendidas nos EUA entre 1963 e 2008 (não ajustado para a inflação)

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Financial_crisis_of_2007%E2%80%932010

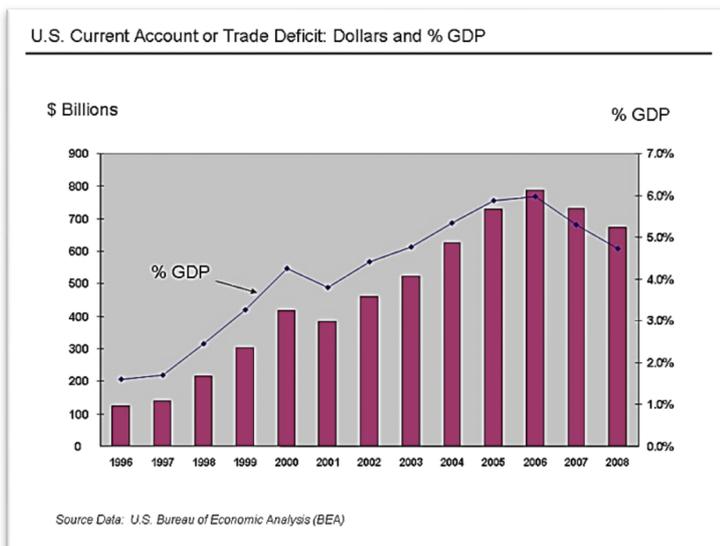


Gráfico 2 US current account or trade deficit

Fonte:
http://en.wikipedia.org/wiki/Financial_crisis_of_2007%E2%80%932010

Ilustração 1 Banco Northern Rock, o primeiro banco a sofrer intervenção na Grã-Bretanha, desde 1860



A importância do mercado *subprime* na eclosão da crise e na sua repercussão à maioria das economias mundiais.

O mercado *subprime* é um mercado que se formou há alguns anos, com a concessão de crédito imobiliário de alto valor a pessoas que não tinham condições de os pagar.

Com o aumento do investimento no mercado imobiliário e a rentabilidade que trazia, várias empresas intermediárias começam a sua ascensão na atribuição de empréstimos. Aqui podemos destacar duas: a *Federal National Mortgage Association (Fannie Mae)* e a *Federal Home Loan Mortgage Corporation (Freddie Mac)*. O governo garantia os investimentos feitos por ambas as empresas. Instituições bancárias de vários países, atraídas pelas garantias do Governo, emprestaram dinheiro a imobiliárias através destas duas empresas, que estavam autorizadas a captar empréstimos em qualquer lugar do mundo.

Com isto criam-se as chamadas hipotecas *subprime* (de alto risco), concedidos a famílias frágeis, a nível económico. Tais clientes receberam a denominação de “ninja”, acrónimo da expressão *No Income, No Job, No Assets* (em português, *Sem Renda, Sem Emprego, Sem Património*).

Agora entram em cena as famosas agências de *rating*, entidades avaliadoras de países, empresas e pessoas, segundo uma nota de risco, que expressa a possibilidade desses países, empresas e pessoas em saldar as dívidas adquiridas pela concessão de um empréstimo bancário. Para isso atribui notas que variam consoante a agência, mas normalmente usamos o *AAA* para classificar os empréstimos de menos risco (pois têm mais probabilidade de serem saldados) e o *C* ou *D* para identificar os mais “perigosos”.

Até aqui, tudo parecia ir bem para todas estas instituições mas, o que é bom não dura para sempre e, em 2005, o Fed aumentou as taxas de juro para tentar reduzir a inflação que se fazia sentir. Daqui para a frente o descalabro foi total; um ciclo vicioso e contínuo instalou-se. O preço dos imóveis sofreu uma queda, o que levou os bancos a aumentar as suas taxas de juro. Com a facilidade de crédito instalada ao longo da década, cada vez com menos requisitos, foram concedidos empréstimos

7 Crise económica de 2008| Introdução à Economia

bancários a vários “ninjas” que, com este aumento das taxas, não conseguiram saldar as suas dívidas, o que, por sua vez, se repercutia de novo nos bancos, que ficavam sem capital para se sustentar e para disponibilizar aos seus clientes. Este efeito dominó, fez balançar o sistema bancário internacional, a partir de Agosto de 2007.

Esta crise de *subprime* americana não tardou a estender-se às diferentes economias mundiais que nela tinham investido, não estivéssemos no séc. XXI, com a globalização sendo uma realidade bem assente. Como já referi, o governo dava garantias da segurança dos investimentos em empresas intermediárias como a *Fannie Mae* e o *Freddie Mac*. Os bancos, acreditando que o mercado imobiliário americano iria trazer enormes lucros para os seus cofres, depressa acederam à ideia e começam um investimento em massa de capital, sempre com a ideia que será um investimento seguro e garantido. Bem, então quando se dá a crise que acontece com estes bancos? Visto que os clientes não podem saldar as dívidas devido ao aumento das taxas de juro, o capital investido pelos bancos internacionais para esses empréstimos não tem retorno e os efeitos que se passavam na América transitam para os outros continentes. As instituições bancárias menores entram em risco, não têm verbas suficientes quer para as suas dívidas internas, quer para disponibilizar a quem queira levantar parte do dinheiro que depositou. Na televisão tornou-se comum ver multidões em frente às portas do seu banco, esperando por respostas que não vêm, querendo saber se o seu dinheiro estará a salvo e, se possível, retirá-lo de lá, visto que já não é uma instituição segura e que podem perder os seus bens capitais. Daí até se instalar o restante ciclo de quebra do poder de compra, diminuição na procura e oferta agregadas, desemprego e falência de bancos; foi uma questão de tempo.

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Subprimes>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia_de_notas_de_cr%C3%A9dito
- http://pt.encydia.com/es/Crise_de_hipototeca-las_subprime

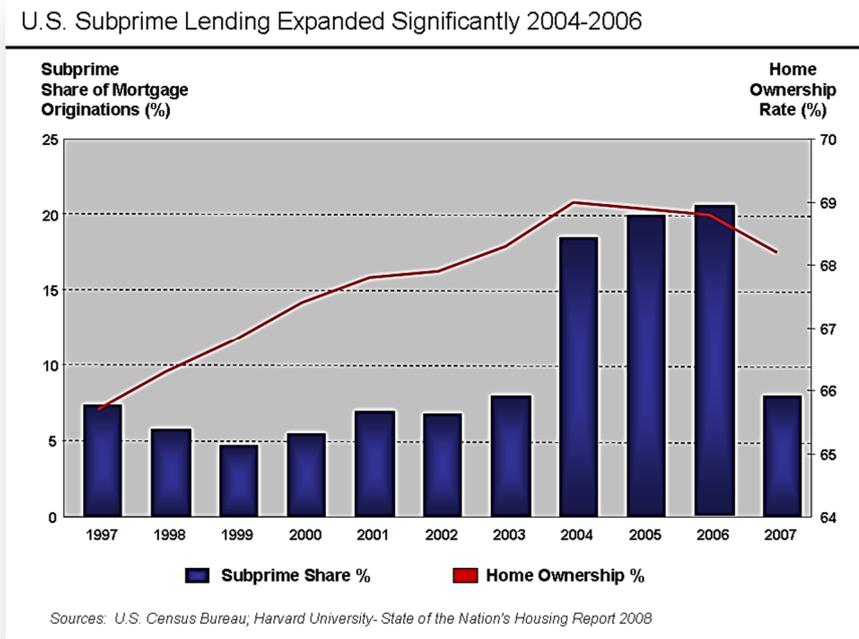
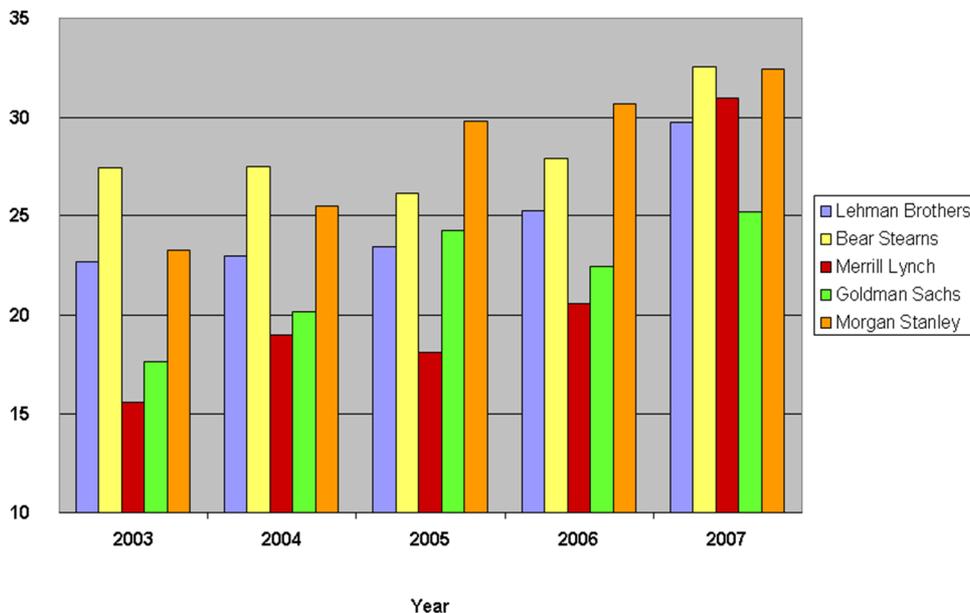


Gráfico 3 Evolução da concessão de empréstimos *subprime*

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Financial_crisis_of_2007%E2%80%932010

Leverage Ratios For Major Investment Banks

The leverage ratio is a measure of the risk taken by a firm; a higher ratio indicates more risk. It is calculated as total debt divided by stockholders equity. Each firm's ratio increased between 2003-2007.



Source Data: Company Annual Reports (SEC Form 10K)

Gráfico 4 Investimentos bancários 2003-2007

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Financial_crisis_of_2007%E2%80%932010

Tabela 1 Rating de créditoFonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Bond_credit_rating

Moody's		S&P		Fitch		
Long Term	Short Term	Long Term	Short Term	Long Term	Short Term	
Aaa	P-1	AAA	A-1+	AAA	A1+	Prime
Aa1		AA+		AA+		High grade
Aa2		AA		AA		
Aa3		AA-		AA-		
A1	P-2	A+	A-1	A+	A1	Upper medium grade
A2		A		A		
A3	P-3	A-	A-2	A-	A2	Lower medium grade
Baa1		BBB+		BBB+		
Baa2	P-3	BBB	A-3	BBB	A3	Lower medium grade
Baa3		BBB-		BBB-		
Ba1	Not Prime	BB+	B	BB+	B	Non Investment grade speculative
Ba2		BB		BB		
Ba3		BB-		BB-		
B1		B+		B+		Highly Speculative
B2		B		B		
B3		B-		B-		
Caa1	Not Prime	CCC+	C	CCC	C	Substantial risks
Caa2		CCC				Extremely speculative
Caa3		CCC-				In default with little prospect for recovery
Ca		CC				In default with little prospect for recovery
/	Not Prime	D	/	DDD	/	In default
/				DD		
/				D		

A solução para a crise

Com o avanço da crise, os EUA deixaram de parte as políticas neoliberais, que já vigoravam desde a presidência de Ronald Reagan, para intervir na economia e, assim, conseguir evitar males maiores como o agravamento do défice, o aumento da inflação e, no pior dos cenários, a recessão de toda a sua economia.

Assim, procuram socorrer as empresas financeiras que se encontram em dificuldades. Assim, os americanos iniciam um plano de resgate económico em que lançam 800 mil milhões de dólares para evitar a quebra destas instituições. Contudo, não conseguiram salvar o banco *Lehman Brothers* (um dos maiores bancos do Estado) da falência.

Os restantes países do mundo capitalista seguiram medidas semelhantes. Portugal, por exemplo, para evitar males maiores, nacionalizou o Banco Português de Negócios. As políticas orçamentais e fiscais sofreram alterações consoante a força que a crise atingiu cada país mas, no geral, tomaram-se medidas mais rígidas, para regular a economia e prevenir que este problema se alastrasse de forma mais profunda.

Mas que temiam estas nações? Uma recessão? Um perigo de deflação ou aumento da inflação?

O conceito de recessão é bastante complexo. Costuma-se dizer que uma recessão instala-se quando é registada uma queda no Produto Interno Bruto (PIB) durante dois trimestres consecutivos. Segundo o *National Bureau of Economic Research*, a recessão nos EUA terminou em Junho de 2009. Após 18 meses, a maior economia do mundo tinha decrescido em cerca de 4,1% - a maior recessão desde a Segunda Guerra Mundial.

A deflação representa a redução do nível geral de preços. Já a inflação é o aumento persistente nos preços. Ora, numa economia de mercado, onde vigora a lei da oferta e da procura, nenhuma delas é agradável. Se os preços baixarem, os produtores irão ter grande prejuízo, pois estes não estão em equilíbrio com os custos de produção, o que pode conduzir a despedimentos (de modo a diminuir os encargos) e a diminuição da oferta, o que não é bom para a economia, visto que com o tempo a

situação apenas piora. Contudo, o contrário também não é bom. Caso os preços dos bens aumentem constantemente, as pessoas simplesmente vão deixar de os comprar, levando a uma acumulação de *stocks*, sem possibilidade de escoamento. Como não têm lucros os produtores simplesmente têm a opção de despedir os seus funcionários ou declarar falência.

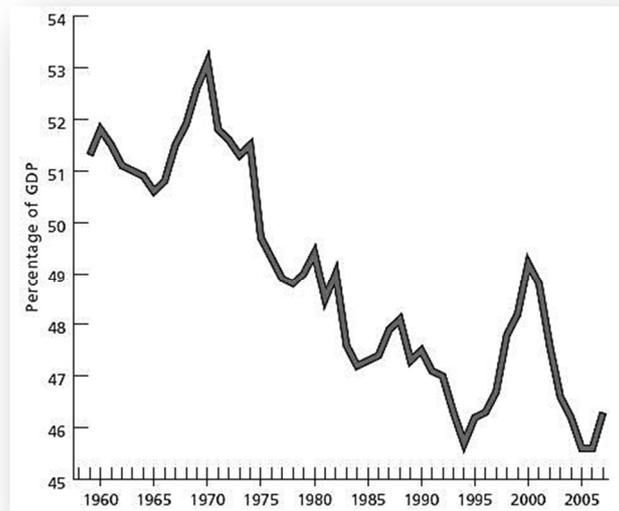


Gráfico 5 Salários em % do PIB dos EUA

Fonte: Economic Report of the President, 2008

A um país, cuja economia em termos de produção está fraca e o desemprego em constante crescimento, que irá acontecer à balança comercial? Irá tornar-se cada vez mais deficitária, com as receitas a diminuírem e as despesas cada vez mais pesadas no seio da economia.

Para evitar isto, várias medidas têm sido tomadas. Têm, sobretudo, recaído num certo protecção. Tem havido incrementos de impostos e cada vez mais países recorrem a medidas de defesa comercial como, por exemplo, acções antidumping. Ainda assim, esforços para promover o comércio global têm sido feitos. A OMC tem aplaudido esta postura visto que um reforço das trocas comerciais a nível mundial é uma forma positiva de contornar a crise, além de que promove o desenvolvimento económico integrado dos países que para isso contribuem.

A OIT notou também uma rápida actuação do G20, considerando-a decisiva, apoiando as decisões por si tomadas, em que se destacam a substituição das medidas de política monetária que visavam estabilizar a economia por outras de carácter mais social, como o apoio ao emprego e à formação de novas actividades e a protecção dos trabalhadores e suas famílias.

- http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/recessao/recessao-economica-crise-desaceleracao-queda-pib-efeitos.shtml#5
- <http://www.unric.org/pt/actualidade/28078-medidas-para-enfrentar-crise-economica-tomadas-pelos-governos-do-g20-salvaram-21-milhoes-de-empregos>

Glossário

- **Mercado *subprime***

Num sentido amplo, *subprime* é um crédito de risco, concedido a alguém que não oferece garantias suficientes para se beneficiar da taxa de juros mais vantajosa (*prime rate*).

Noutro mais restrito, o termo é usado para designar uma forma de crédito hipotecário para o sector imobiliário, surgida nos Estados Unidos e destinada a creditados que representam maior risco. Este crédito imobiliário tem como garantia a residência desse cliente.

- **Agência de *rating***

É uma entidade que avalia, atribui notas e classifica países, empresas ou indivíduos segundo uma nota que expressa o grau de risco que essas empresas ou países possam não conseguir pagar as suas dívidas no prazo fixado.

- **Obrigações com garantia – *Collateralized Debit Obligation (CDO)***

Podemos dizer o que um CDO pelo seguinte exemplo: alguém pede um empréstimo e dá como garantia o bem X. Então, quem fez o empréstimo vende o direito de receber os pagamentos, quer dos juros quer dos empréstimos, no futuro, sendo que esse valor é garantido pelo tal bem. Isto é um CDO, uma obrigação, mas que tem uma garantia caso não seja cumprida.

- **SPV - *Special Purpose Vehicle***

São instituições especiais que tentam limitar o risco financeiro dos títulos maus.

- **Inflação**

É a queda do valor de mercado ou do poder de compra do dinheiro. Isto é equivalente ao aumento no nível geral de preços. É o oposto de deflação. Inflação zero, ou muito baixa, é chamada de estabilidade de preços.

- **Deflação**

É a redução do nível geral de preços, de forma persistente (vários meses consecutivos) e aplicada à generalidade dos produtos.

- **Crescimento económico**

O crescimento económico pode ser definido como sendo o aumento sustentado de uma unidade económica durante um ou vários períodos longos. A sua avaliação faz-se através da análise de certos índices: Produto Interno Bruto (PIB) ou Produto Nacional Bruto (PNB).

- **Dívida pública**

A dívida pública é a dívida de um determinado Estado. Como qualquer dívida, é um (conjunto de) compromisso(s) financeiro(s), vencível(is) em dado(s) prazo(s). É usual fazer-se a separação entre dívida de curto prazo e dívida de longo prazo. O reembolso de uma parte das dívidas de curto prazo pode ser pedido sem qualquer aviso (por exemplo, a dívida representada por certificados de aforro). A esse conjunto de compromissos do Estado chama-se *dívida flutuante*, por oposição a *dívida consolidada* (aquela cujo reembolso não pode ser pedido sem haver conhecimento do Ministério das Finanças).

- **Défice orçamental**

É um termo da contabilidade que se caracteriza por um saldo negativo. Num orçamento, o saldo negativo ocorre quando os gastos ou despesas superam os ganhos ou receitas. Se o saldo é negativo, o orçamento é chamado deficitário.

- **Procura agregada**

Corresponde à totalidade da despesa desejada pelo conjunto dos agentes económicos (famílias, empresas, estado e exterior) para um determinado nível de preços mantendo-se constante outros factores tais como a política orçamental, a oferta de moeda, a disponibilidade de capital, entre outras, e tem quatro componentes: consumo, investimento, despesas do Estado, exportações líquidas.

- **Oferta agregada**

Representa o que as empresas, no seu conjunto, estão dispostas a produzir e a vender para cada nível geral de preços, assumindo como constantes todas as restantes variáveis determinantes da oferta agregada tais com as tecnologias disponíveis e as quantidades e preços dos factores produtivos.

- **Política orçamental**

É um ramo da política económica que define o orçamento e os seus componentes, os gastos públicos e os impostos como variáveis de controlo para garantir e manter a estabilidade económica, amortecendo as flutuações dos ciclos económicos e ajudando a manter uma economia crescente, o pleno emprego e a inflação baixa.

- **Política contra cíclica**

Consiste no conjunto de acções governamentais voltadas a impedir, sobrepujar, ou minimizar, os efeitos do ciclo económico.

São defendidas pelos keynesianos, que consideram que o ciclo económico não é auto-regulado.

- **Política fiscal**

É caracterizada por ser expansionista na fase de recessão económica e contraccionista na fase de expansão forte, no sentido de atenuar as variações da actividade económica e o seu impacto na sociedade.

- **Reguladores**

Regulação económica é a área da Economia que estuda o funcionamento do sistema económico através da regularidade de preços e das quantidades produzidas, ofertadas e procuradas através da interacção económica entre as respectivas partes do sistema económico: o Estado, as empresas, os credores, os trabalhadores, os consumidores e os fornecedores.

- **Globalização**

Fenómeno de interdependência de mercados e produtores de diferentes países; processo de criação de um mercado mundial.